

Na pia batismal Tradição e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos

*Fábio Augusto Scarpim **

O nome próprio é um dos primeiros elementos de diferenciação e individualização que uma pessoa recebe. Ao mesmo tempo, ele é um poderoso meio de integração do indivíduo a uma família ou a um grupo social, e um signo muito importante na definição da identidade. Em muitas sociedades, os nomes são pensados como um patrimônio. Assim, as práticas de nomeação (o ato de atribuir nomes de batismo) têm caráter significativo para o estudo das tradições, da circulação de bens simbólicos e principalmente da constituição da identidade, seja individual ou coletiva.

O objetivo deste artigo é entender como se processaram as práticas de transmissão de nomes de batismo no interior de um grupo italiano, analisando a frequência dos prenomes dados a meninos e meninas no decorrer de cinquenta anos. Para isso, temos como foco de análise algumas dezenas de famílias que emigraram do Venêto no final do século XIX e se instalaram em colônias no município de Campo Largo, no Paraná; e formaram uma paróquia¹. A base documental utilizada é formada basicamente por registros paroquiais (atas de casamento e batismo que foram sistematizados pela metodologia Fleury-Henry (1985) de reconstituição de famílias, oriunda da demografia histórica.

Ao analisar o estoque onomástico utilizado pelo grupo percebemos que a perpetuação dos mesmos prenomes no interior da linhagem era comum. Isso se dava porque era costume no grupo em estudo utilizar os mesmos nomes dos

* Mestre em História pela UFPR. Professor Colaborador da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO/IRATI.

membros da família (avós, tios, padrinhos, pais) ou prenomes devocionais (santo do dia, padroeiro da região de origem entre outros). Esse padrão está de acordo com as chamadas sociedades tradicionais e, em diferentes momentos da história podem ser verificados.

Os nomes e sua frequência

As práticas de nomeação se constituem em um dos signos acionados pelo grupo italiano no processo de construção de sua identidade coletiva e das identificações étnicas. A análise das informações dos registros paroquiais, sistematizados pela metodologia de reconstituição de famílias, revelou que as escolhas dos prenomes não foram aleatórias, muito pelo contrário, estavam influenciadas pela herança cultural trazida da sociedade de origem. Conforme Robert Rowland, “independente dos nomes em si, a existência de uma distribuição regular dos nomes próprios em qualquer população, ou a persistência dessa distribuição ao longo do tempo, constitui um indício seguro do caráter socialmente significativo das práticas de nomeação” (ROWLAND, 2008, p.18).

A maior frequência de determinados prenomes, assim como a menor de outros, está diretamente ligada a mecanismos de ordem social, cultural ou religiosa. Como todo agir humano, o ato de nomear acontece para alcançar um objetivo, e é determinado por conhecimentos, por avaliações e motivações, que são “condicionados pela sociedade como um todo e pelo grupo social” (EICHLER apud SIEMENS, 1992, p. 40). Assim, a escolha do prenome de uma criança não deveria atender apenas aos interesses dos pais, mas também ser reconhecida dentro de uma esfera válida, de uma determinada ordem, para todo o grupo.

Antes de tratar da distribuição dos prenomes de batismo no decorrer do período analisado, é importante ressaltar as dificuldades e as limitações das fontes utilizadas. O primeiro problema refere-se à maneira de grafar os prenomes nos registros paroquiais. Desde o início da colonização, os nomes, inclusive dos imigrantes, são geralmente apresentados na forma portuguesa e não na forma *vêneto*. Exemplo disso é que a maior parte dos noivos que nasceram na Itália e se casaram em Campo Largo, e mesmo de seus pais, tem seus nomes traduzidos no registro de matrimônio. O intrigante é o fato que, salvo os registros paroquiais dos primeiros anos de uma das colônias, os demais foram feitos por padres italianos. Qual o motivo? Registrar os prenomes dos imigrantes em português parece ter se constituído numa tendência generalizada dos sacerdotes para facilitar sua inserção na sociedade, ou mesmo poderia ser uma determinação da Igreja. Segundo Sérgio Odilon Nadalin, na Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, constituída por imigrantes alemães e seus descendentes, os pastores alemães geralmente mantinham os nomes originais, seja no batismo e, muitas vezes, no casamento. Por outro lado, muitas crianças batizadas com nomes grafados em alemão tinham seus nomes aportuguesados no casamento e (ou) por ocasião do sepultamento (NADALIN, 2004). No caso dos italianos, diferentemente dos

alemães, a impressão que temos é que os noivos italianos estariam perdendo na hora do casamento sua identidade batismal, considerando o diálogo necessário com a sociedade maior, luso-brasileira. Nesse sentido, os padres italianos contribuiriam para a integração dos noivos na sociedade receptora.

O artigo de um regulamento da Capelania Curada italiana, instituição criada em 1888 para atendimento espiritual dos imigrantes italianos instalados em Curitiba e região traz a seguinte informação em relação à manutenção dos livros de registro:

Na capelania é preciso ter os livros seguintes, os quais serão abertos, numerados, rubricados e fechados pelo Chanceler do Bispado. Um livro de tombo para registrar aquilo que sucede na capelania; um livro para registrar as visitas pastorais, ordens, avisos do bispo diocesano. Três livros para registrar, os batizados, os casamentos e os óbitos. O registro desses livros será feito em língua portuguesa, conforme a ordem do Ordinário. Como, porém, o bispado não tem o seu pessoal adequado, damos ordem ao capelão cura superior para abrir, numerar e fechar estes livros conforme o costume da diocese (AZZI, 1987, p. 268).

No trecho acima podemos destacar que a recomendação era para que os livros fossem feitos em língua portuguesa. Até que ponto essas determinações não deveriam ser aplicadas também aos nomes? De qualquer forma, acredita-se que, para o grupo em estudo, o nome podia se apresentar de maneiras distintas no meio público e privado. Assim, na esfera pública, para facilitar a inserção na sociedade receptora, poderia ser utilizado em português, enquanto no âmbito familiar e colonial permaneceria tal como era na terra natal. A não-uniformidade dos registros paroquiais no que toca à forma de grafar dificulta o entendimento de quando os contatos culturais entre o grupo italiano e brasileiro se estreitam a ponto de modificar o uso do prenome nos dois âmbitos. Referimo-nos a essa inconstância, porque na década de 1920, o padre Jorge Bortolero, que redigiu as atas de batismo durante um curto período², registrou a maior parte das crianças com os prenomes em italiano. Também no livro de registro da Caixa Mortuária da colônia Campina da paróquia em estudo, percebe-se que na maior parte dos casos, até o ano de 1937, os nomes são escritos na língua de origem³. Ao contrário das atas paroquiais, esse livro não era redigido pelo sacerdote, mas sim por algum morador da colônia, responsável pela administração da instituição.

Em relação ao rol de indivíduos listados neste documento, percebe-se que somente a partir da década de 1910 começam a aparecer os primeiros prenomes traduzidos. Até então, embora muitos estivessem grafados com erros, estes eram escritos na forma italiana (ou melhor, vêneta) como, por exemplo, o prenome *Piero* (grafado no dialeto). A partir desses indícios, acredita-se que o processo de “aportuguesamento” dos nomes foi lento, e que se iniciou quando da maior necessidade de utilização dele no ambiente público ou quando os contatos

interétnicos se intensificaram, sendo que no ambiente doméstico e comunitário, prevalecia como era na língua de origem. Dessa maneira, é possível que as atas paroquiais tivessem um caráter mais público, daí a tradução do prenome para a forma portuguesa. É claro que esse caráter “mais público” deve ser relativizado, pois ao comparar o registro paroquial com o civil, o último tem um caráter muito mais público do que o primeiro. O trecho do depoimento a seguir ilustra como a menção ao nome pode se dar em esferas distintas.

(...) meu pai era *Giacomo*, nem muito bem o italiano, veja *Jacó* é *Giacomo*, mas chamavam de *Giacó*, então não era muito pelo nome em italiano, era o nome como chamavam. Meu avô se chamava *Piero*, *Domingos* se chamava *Menigo*, e *Francisco*, *Francesco*, *Keiko* no dialeto, *Antonio*, *Toni*, *José*, o *Giuseppe* virava *Beppi*⁴.

Da mesma maneira um conjunto de apelidos que era comum no cotidiano das colônias italianas:

Andin, Angelin, Angio, Bastian, Bepi, Bepo, Catina, Fiuriti, Gigio, Gusto, Iaco, Iiha, Ina, Iza, Lecio, Leli, Lolo, Maneco, Marica, Marieta, Mariquinha, Mênega, Mênego, Meni, Mingo, Maneco, Nina, Nino, Pipeta, Tato, Tchula, Tiqueto, Toni, Tonic (CEQUINEL et al. 2006, p. 244).

Embora em situações formais, como na escola, no cartório e na Igreja na hora do registro, nos negócios ou na vida política, os nomes fossem apresentados na forma portuguesa, no cotidiano da colônia e na família, prevalecia a referência da língua materna, na qual eles transmitiam suas crenças, seus hábitos e costumes. Nas situações informais, nem era o prenome italiano que predominava, mas sim apelidos ou formas abreviadas do nome na língua original. A própria repetição de nomes retirados da linhagem gerava uma série de apelidos, sendo que um mesmo prenome poderia ter diferentes variações. Esse processo é antigo; segundo Bennett citado por Jack Goody, a diminuição dos nomes e o aumento populacional a partir da época das reformas dos séculos XI e XII agudizaram o problema dos homônimos, o que veio favorecer o desenvolvimento dos apelidos como meio suplementar de identificação (GOODY, 1995, p.183). Embora não seja objetivo desse artigo discutir a forma como o grupo lidava com o uso dos prenomes no seu cotidiano ou mesmo o uso do nome por esses indivíduos ao longo de sua vida, é importante destacar que essas “corruptelas” geradas pelo próprio sistema de transmissão dos prenomes também fazem parte dos códigos culturais do grupo e por sua vez da etnicidade.

Independente da forma grafada ou falada, a escolha por esse ou aquele prenome respondia aos costumes e desejos da família, e num âmbito maior, do grupo. Embora muitos dos nomes de batismo sejam apresentados nos registros

escritos, em português, a origem da sua escolha refere-se a elementos simbólicos, característicos do grupo de pertencimento, da sociedade original.

Entre os anos de 1878 e 1937, nos 2.023 meninos batizados foram utilizados 310 diferentes prenomes e nas 1.948 meninas 278 variados nomes de batismo⁵. Para os nomes duplos, apareceram 242 combinações diferentes para os meninos e 248 para as meninas, utilizadas em 359 e 308 casos, respectivamente. As tabelas que se seguem, mostram quais foram os dez prenomes femininos e masculinos preferidos pelos imigrantes e seus descendentes. Os recortes cronológicos foram feitos em decênios, para verificar se há mudanças no uso de determinados prenomes na passagem de uma geração a outra. As tabelas a seguir levaram em consideração também a frequência dos prenomes, independente de estes serem utilizados de forma única ou combinada.

TABELA 1 – FREQUÊNCIA DOS PRINCIPAIS PRENOMES MASCULINOS ESCOLHIDOS PELO GRUPO (1878-1937).

Nomes	1878-1899		1900-1910		1911-1920		1921-1930		1931-1937		1878-1937	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
Angelo	45	6,6	22	4,0	20	4,0	27	4,5	15	4,6	129	4,9
Antonio	86	12,6	76	14,0	68	13,5	83	13,7	38	11,7	351	13,2
Augusto	5	0,7	8	1,5	9	1,8	15	2,5	9	2,8	45	1,7
Baptista	29	4,3	21	3,9	11	2,2	13	2,1	8	2,5	82	3,1
Domingo/ Domenico	17	2,5	11	2,0	9	1,8	9	1,5	8	2,5	54	2,1
Francisco/ Francesco	19	3,0	18	3,3	23	4,6	8	1,3	5	1,5	73	2,7
João/ Giovanni	97	14,2	61	11,2	67	13,3	80	13,2	25	7,7	330	12,4
José/ Giuseppe	69	10,1	60	11,0	45	9,0	39	6,4	11	3,4	224	8,4
Luis/Luigi	25	3,7	26	4,8	27	5,4	26	4,3	9	2,8	113	4,2
Pedro/Pietro	33	4,8	25	4,6	18	3,6	19	3,1	16	4,9	111	4,2
Subtotal	425	62,4	328	60,2	297	59,1	319	52,6	144	44,2	1512	56,8
Outros	256	37,6	217	39,8	206	40,9	288	47,4	183	55,8	1150	43,2
Total	681	100	545	100	503	100	607	100	326	100	2662	100

FONTE: Registros de Batismo, Acervos das Paróquias de São Sebastião e Nossa Sra. da Piedade (Campo Largo/PR).

TABELA 2 – FREQUÊNCIA DOS PRINCIPAIS PRENOMES FEMININOS ESCOLHIDOS PELO GRUPO ITALIANO (1878-1937).

Nomes	1878-1899		1900-1910		1911-1920		1921-1930		1931-1937		1878-1937	
	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%	#	%
Angela	40	7,0	32	6,8	18	3,3	14	2,3	13	3,8	117	4,6
Anna	11	2,0	22	4,7	8	1,5	14	2,3	9	3,0	64	2,5
Antonia	24	4,2	12	2,6	35	6,5	16	2,6	15	4,4	102	4,0
Catterina/ Cattarina	21	3,7	27	5,8	17	3,2	19	3,1	8	2,3	92	3,6
Joana/ Giovanna	17	3,0	9	1,9	22	4,1	9	1,5	6	1,7	63	2,5
Luiza/Luigia	20	3,5	17	3,6	22	4,1	22	3,6	8	2,3	89	3,5
Magdalena	16	2,8	8	1,7	9	1,7	8	1,3	2	0,6	43	1,7
Maria	94	16,4	89	19,0	100	18,6	108	17,8	63	18,3	454	18,0
Rosa	37	6,5	23	4,9	33	6,1	30	4,9	13	3,8	136	5,4
Teresa	16	2,8	20	4,3	26	4,8	15	2,5	24	7,0	101	4,0
Subtotal	296	51,8	259	55,2	290	54,0	255	42,0	161	46,8	1261	50,0
Outros	262	48,2	224	47,8	248	46,0	352	58,0	183	53,2	1269	50,0
Total	572	100	469	100	538	100	607	100	344	100	2529	100

FORNTE: Registros de Batismo, Acervos das Paróquias de São Sebastião e Nossa Sra. da Piedade (Campo Largo/PR).

De acordo com as tabelas acima percebemos que para todo o período analisado os dez prenomes mais frequentes, com exceção do último para os meninos e dos dois últimos para as meninas, correspondem a mais da metade dos nomes de batismo em uso. Entretanto, à medida que as gerações se sucedem há uma maior diversificação dos prenomes. Para as mulheres, esse fenômeno se processa principalmente a partir dos anos 1920 e para os homens a partir dos anos 1930. Esse descentramento poderia ser resultado do impacto das políticas de nacionalização dos estrangeiros e seus descendentes, propagadas pelo Estado brasileiro a partir dos anos 1920. Entretanto, apesar dos dois últimos períodos indicarem o início de uma mudança no estoque onomástico utilizado pelo grupo, numa leitura geral das duas tabelas, percebe-se que o fato de estes dez prenomes listados acima serem utilizados com bastante frequência está diretamente ligado à forma como os imigrantes e descendentes nomeavam seus filhos. Um dos principais motivos é o fato de que as fontes de referência mais comuns eram, sobretudo, a família e a religiosidade conforme a tradição da sociedade de origem. A perpetuação destes costumes traz como resultado direto um grupo restrito de prenomes como os mais utilizados.

A análise comparativa das tabelas 1 e 2 mostra que a diferença de gênero ao longo do período estudado, em relação ao conjunto dos dez prenomes mais

frequentes e o grupo dos “outros prenomes” é bastante significativa. Por meio das tabelas acima observa-se que para todo o período analisado o percentual dos prenomes escolhidos, fora do grupo dos dez mais votados, foi de 43,2% para os homens e 50% para as mulheres. A diferença de contração no estoque de prenomes masculinos e femininos indica que o sistema de nomeação no interior do grupo está de acordo com os valores e as formas de sociabilidade por eles desenvolvidos que privilegiou o patriarcalismo. Dar nomes é também transmitir valores, estados e posições no interior da família ou linhagem. Os imigrantes italianos eram portadores de uma tradição camponesa patriarcal, na qual a transmissão de bens materiais e simbólicos se daria especialmente pela via masculina. Dessa maneira, nota-se que a tradição se mantém mais forte para os homens, pois são eles os herdeiros da linhagem. Segundo Jack Goody, na Europa mediterrânea a supremacia da linhagem se manteve forte até o século XIX (GOODY, 1995, p. 26). Como nesse sistema o par conjugal ficava incorporado dentro de uma unidade maior, a autoridade masculina prevalecia e recebia o apoio do grupo de parentesco. Como a mulher, pelo casamento, passaria à outra linhagem, as regras de transmissão do patrimônio simbólico não eram tão rígidas quanto para os homens.

Os prenomes mais utilizados pelo grupo para batizar seus filhos estão de acordo com o estoque onomástico trazido pelos imigrantes. Assim, os principais prenomes que a geração de pioneiros portavam são praticamente os mesmos utilizados por seus descendentes. A tabela a seguir mostra os prenomes mais utilizados entre os imigrantes italianos que colonizaram Campo Largo. Os percentuais entre o conjunto total dos prenomes mais votados em relação aos “outros” evidentemente são maiores nas tabelas 1 e 2 , pois o número total de nomes nestas duas é bem maior que a 3.

TABELA 3- PRENOMES MAIS FREQUENTES ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS

Prenome	#	%	Prenome	#	%
Angelo	24	4,5%	Angela	42	8,3%
Antonio	54	10,2%	Anna	17	3,4%
Baptista	11	2,1%	Antonia	12	2,4%
Domenico	21	4,0%	Catterina	34	6,7%
Francesco	31	5,8%	Domenica	12	2,4%
Giovanni	58	10,9%	Giovanna	15	3,0%
Giuseppe	57	10,7%	Luigia	22	4,4%
Luigi	32	6,0%	Maria	109	21,6%
Pietro	31	5,8%	Regina	18	3,6%
Santo	16	3,0%	Teresa	17	3,4%
Outros	196	37%	Outros	206	40,8%
Total	531	100,0%	Total	504	100,0%

FONTE: Livros de Registros de Cadastro de Imigrantes entrados pelo Porto de Paranaguá (DEAP), (1877-1891).

Outra observação a ser destacada em relação ao rol de prenomes listados acima é a notória percepção de que os mais utilizados se relacionam aos principais personagens da Igreja, tanto dos meninos quanto das meninas, embora dos primeiros seja mais acentuado. No norte italiano, a Igreja Católica era um forte elemento de identificação coletiva, ou melhor, uma das únicas instituições capazes de congregar a comunidade num âmbito maior que o da aldeia. A difusão dos nomes dos grandes patronos religiosos seria reflexo do movimento empreendido pela Igreja de cristianizar os nomes próprios. Dessa maneira, muitos dos nomes dados às crianças estavam impregnados do sentimento religioso.

Mudanças e permanências no uso de determinados prenomes podem ser observadas a partir de diferentes eventos históricos, exemplo disso pode ser relacionado nas tabelas 1 e 3. Nestas, vemos que *José* ou *Giuseppe* está entre os mais utilizados. Conforme um estudo sobre os prenomes na república florentina, a partir de censos de domicílios, ao longo de 250 anos (1282-1532)⁶, o prenome *Giuseppe* praticamente não existe nessas listas⁷. Essa mudança provavelmente está ligada às ações da Igreja pós-tridentina em relação às figuras da sagrada família. É claro que a comparação está sendo feita entre períodos temporalmente distantes. Mas, por outro lado, se levarmos em consideração que na referida pesquisa sobre a Florença dos séculos XIII ao XVI, o prenome *Antonio* está entre os mais usados, assim como no grupo em estudo, verificamos que o nome do santo medieval atravessou séculos como um dos preferidos entre os italianos do norte⁸. Da mesma forma, *Piero*, *Giovanni* e *Francesco*⁹, que estão entre os mais usados em Florença na Idade Média, também encabeçam a lista dos nomes mais frequentes entre os imigrantes italianos e descendentes em Campo Largo nos séculos XIX e XX.

A perpetuação de determinados costumes, como o de transmitir nomes de familiares, certamente contribuiu de forma significativa para a estabilidade do estoque de prenomes. Na tabela 2, observamos que o prenome *Maria* é soberano entre as meninas durante todo o período. Seja de forma simples ou combinada, foi largamente utilizado pelos imigrantes e descendentes. *Maria* é um prenome de origem semítica ou hebraica (GUÉRIOS, 1973, p. 171) e sempre foi muito utilizado pelos diversos povos europeus. O seu uso recorrente pode estar associado à progressiva difusão do culto mariano a partir da Idade Média. Entretanto, Dominique Schnapper alerta que não se pode concluir que sua proliferação está associada somente à crescente influência da Igreja, outras causas também podem estar associadas (SCHNAPPER, 1984, p.114). No grupo em estudo, o prenome *Maria* é muito utilizado tanto de maneira simples como em combinações, como, por exemplo, *Maria Madalena*, *Maria de Lourdes*, *Maria Anunziata*, que podiam estar associado ao sentimento religioso, ou, em outras ocasiões, a nomes de um familiar, ou ser utilizado por outro motivo.

O costume de se repetir os mesmos nomes de batismo pela família fazia com que determinados prenomes fossem utilizados com bastante frequência entre os colonos italianos. Entretanto, outros que não figuram entre os dez mais utilizados pelo grupo também têm a mesma explicação. *Plácido*, por exemplo, aparece, entre os anos de 1888 e 1920, nove vezes, e todos os meninos batizados

com esse prenome têm um ancestral comum, ou seja, são netos do imigrante *Plácido Zampieri*. Da mesma forma, os dez meninos designados por *Cipriano* no mesmo período são todos netos do imigrante *Cipriano Cunico*. Na colônia Campina, há um grande número de meninas batizadas como *Carolina*, sendo que quase todas se relacionam a uma ancestral comum.

Além de expressar valores familiares e religiosos, ou a identidade do grupo, a escolha de um nome também pode estar associada a um significado conotativo. Segundo a definição de Sonderegger, o significado conotativo é a soma das associações, imagens e sentimentos ligados a ele, quer sejam positivos, quer neutros, quer negativos. Essa conotação pode ser evocada pelo corpo sonoro, pela forma escrita do nome, pelo portador, pela capacidade de imaginação do ouvinte, ou, até mesmo, pelo seu significado etimológico, na medida em que for possível identificá-lo (SONDEREGGER apud SIEMENS, 1992, p.34). Entre os descendentes de italianos do grupo em estudo era comum a modificação de determinados prenomes a partir do nome de batismo de um familiar. Nessa direção, principalmente para o gênero feminino, há muitos prenomes terminados em “*Ina*”, como: *Paolina* (de *Paola*), *Orsolina* (de *Orsola*), *Carmelina* (de *Carmela*), *Pasqualina* (de *Pasqua*), *Angelina* (de *Angela*), *Rosalina* (de *Rosa*), *Santina* (de *Santa*). O objetivo dessa prática parece ter uma dupla função, ao mesmo tempo que se buscava a inovação, a escolha de um prenome pouco comum e assim sublinhar a identidade do indivíduo, homenageava-se um membro da família. Era escolhido um nome diferente, mas que não deixava de evocar um parente. Dito de outra forma, a própria repetição gerava essas novas formações, tendo em vista a conciliação entre a tradição e a criação de uma nova identidade para a criança por meio do nome.

Os prenomes retirados de um determinado estoque familiar, ou do calendário litúrgico, constituem a maior parte do rol daqueles utilizados. Entretanto, apesar de esporádicos, alguns nomes bastante inusitados chamam a atenção. O uso de *Itália* ou *Ítalo* como nome de batismo parece não ter sido fato incomum aos diversos núcleos coloniais do sul do Brasil. Conforme cita o padre Henrique Vieter, em Silveira Martins, no Rio Grande Sul, foram constantes as lutas dos sacerdotes palotinos para a “cristianização” de alguns nomes próprios demasiadamente ligados ao nacionalismo italiano. “Os italianos muitas vezes davam o nome de *Ítalo* aos meninos, e *Itália* às meninas, e contra isso nada se podia fazer. Para evitar longas discussões eu lhes dizia: ‘tomemos *São José* por protetor’, e batizava o menino com o nome de *José Ítalo*. As meninas também merecem uma grande padroeira, e lhes dava o nome de *Maria Itália*, com o que os colonos se sentiam muito satisfeitos” (VIETER apud POSSAMAI, 2004, p. 147). Embora, dentro do grupo em estudo, fossem poucas as meninas batizadas como *Itália*¹⁰, tanto de forma simples como combinada, o caso de uma família específica merece ser destacado. O segundo e terceiro filho do casal *Domingo Bianco* e *Maria Vechiato*, um menino e uma menina, receberam os prenomes de *Vitório* e *Itália*, respectivamente. Esses prenomes parecem não ser herdados de nenhum parente próximo, mas provavelmente referências ao país de origem de seus pais. *Vitório* poderia ser uma referência ao primeiro nome do rei italiano (*Vittore Emanuele*) e o da menina, a menção à própria pátria de origem.

Além dessas menções à terra de origem dos imigrantes, há outros casos que também chamam a atenção, como, por exemplo, do menino batizado como *Brasilino*, que parece saudar a pátria receptora. Também há alguns prenomes que, no estoque total utilizado pela comunidade, foram raros como *Crescencia*, *Fedenziana*, *Persilio*, *Ovídio*, *Tarsilla*, *Feliciano*, *Landilino* ou *Vicenza*. O que queriam esses pais quando escolheram esses nomes? Seriam referências a membros da família, coisas, lugares, sentimentos ou poderiam ser inventados? Em algumas situações, o desejo de inovar, ou mesmo sublinhar a individualidade da criança, parece ter se sobreposto aos costumes tradicionais. Por outro lado, os outros casos vão no sentido oposto, pois apresentam uma clara conotação religiosa, como: *Apostolo*, *Santa*, *Santo*, *Christao*, *Arcangelo*, *Anunziata*, entre outros, e que são nomes característicos da região de origem dos imigrantes.

O hábito de utilizar nomes menos comuns, derivados de um prenome em larga utilização como aqueles citados acima, inventados ou combinados, pode ter sido alternativas encontradas por alguns pais para individualizar a criança num período em que as famílias tinham um grande número de filhos¹¹. Por exemplo, em 1914 o casal *Antonio Carlesso* e *Luiza Massochetto* batizou seu primeiro menino com o prenome *Bernardino* (nome do avô paterno), menos de dois anos depois, *Pietro*, irmão de *Antonio*, também escolhe para seu primeiro menino o prenome do avô paterno, só que ao invés de *Bernardino*, coloca *Bernardo* combinado com *Carlos* (nome do avô materno). A escolha de um nome duplo poderia ser uma maneira de individualizar crianças de idade próxima e que moravam relativamente perto umas das outras? Com exceção de alguns prenomes que foram usados com maior frequência, os nomes duplos geralmente são escolhidos a partir de determinadas influências. Na Florença renascentista, por exemplo, estes representavam a necessidade de conciliar nomes da linhagem com o do patrono religioso. Também serviam para solidificar os laços entre as duas famílias (da mãe e do pai), assim como era uma forma de enriquecer o estoque de prenomes em uso (KLAPISCH-ZUBER, 1980, p. 87-88). Vejamos quais prenomes combinados foram utilizados mais frequentemente pelo grupo.

TABELA 4 – FREQUÊNCIA DOS PRINCIPAIS PRENOMES DUPLOS MASCULINOS ESCOLHIDOS PELO GRUPO ITALIANO (1878-1937).

Nomes	1878-1899		1900-1920		1921-1937		1878-1937	
	#	%	#	%	#	%	#	%
João Baptista	13	11	21	16	18	17	52	15
Antonio Luiz	1	1	6	5	0	0	7	2
Angelo Antonio	2	2	6	5	0	0	8	2
João Antonio	4	3	1	1	1	1	6	2
Santo Antonio	2	2	3	2	0	0	5	1
Outros	99	81,0	96	71	86	82	281	78
Total	121	100	133	100	105	100	359	100

FONTE: Registros de Batismo, Acervos das Paróquias de São Sebastião e Nossa Sra. da Piedade (Campo

Largo/PR).

TABELA 5 – FREQUÊNCIA DOS PRINCIPAIS PRENOMES DUPLOS FEMININOS ESCOLHIDOS PELO GRUPO ITALIANO (1878-1937).

Nomes	1878-1899		1900-1920		1921-1937		1878-1937	
	#	%	#	%	#	%	#	%
Maria Luiza	9	8	5	5	2	2	16	5
Maria Madalena	6	5	4	4	5	5	15	5
Maria Antonia	4	4	5	5	3	3	12	4
Maria de Lourdes	0	0	0	0	11	10	11	3
Maria Rosa	0	0	7	7	1	1	8	2
Outros	96	83	80	80,0	85	79	261	81
Total	115	100	101	100	107	100	323	100

FONTE: Registros de Batismo, Acervos das Paróquias de São Sebastião e Nossa Sra. da Piedade (Campo Largo/PR).

Nas tabelas acima, constata-se que são poucas as combinações que foram utilizadas em maiores proporções pelo grupo. Para os meninos, *João Batista* é o único prenome duplo que pode ser definido como de grande utilização. Entretanto, indaga-se até que ponto este pode ser tomado como prenome duplo, pois na grafia italiana, *Giovanbattista* muitas vezes se apresentava como um só prenome¹². Para um povo de grande devoção ao santo, poderíamos atribuir a sua frequência à influência do patrono religioso. Além desse, as demais combinações se relacionam aos prenomes mais recorrentes. No decorrer do período analisado, das 245 combinações masculinas, *Antonio* aparece em 42 delas, *João* em 47, *José* em 33 e *Angelo* em 24. É interessante como alguns prenomes duplos adquirem uma clara conotação religiosa como: *Santo Antonio*, *Santo Paulo*, *Santo Tobias*, *João Santo*, entre outros. Aliás, o uso corrente do prenome *Santo* é característico da Itália, sendo pouco comum em outras regiões da Europa. Também foram os italianos os precursores da utilização de *Maria* como segundo nome masculino, principalmente junto com o prenome *João* (FUCILLA, 1949, p. 4-6).

Em relação aos nomes duplos femininos, percebe-se que *Maria* está entre os mais utilizados. Das 254 combinações, esse prenome aparece em 99 casos. Alguns arranjos já são tradicionais como *Maria Madalena*, que remonta à personagem bíblica, também *Maria Luiza*, que é uma combinação utilizada por diferentes grupos. Por meio da tabela acima, é notório que o nome *Maria de Lourdes* passa a ser utilizado somente a partir da década de 1920. Até então, não havia ocorrido nenhum caso. Seriam reflexos do culto à N.ª Sr.ª de Lourdes difundido na Europa a partir da segunda metade do XIX¹³? O próprio prenome *Lourdes* praticamente não foi utilizado de forma única antes desse período. Além de *Maria*, outros prenomes também foram bastante usados em combinações, tais como: *Rosa* em 21 prenomes duplos, *Angela* em 18 e *Antonia* em 19. Assim como os meninos, nomes combinados com conotação religiosa também apareceram: *Maria Santa*, *Santa Cattarina*, *Santa Inês*, entre outros.

Para finalizar, embora a documentação paroquial tenha apresentado limitações para a análise das formas de nomear as crianças no momento do batismo, entende-se que os prenomes dados pelos imigrantes e seus descendentes estão de acordo com códigos culturais específicos que fazem a ponte com o mundo ancestral deixado para trás. A manutenção do mesmo estoque onomástico de prenomes reflete o desejo do grupo perpetuar as tradições que os uniam à pátria Itália. Por outro lado, as transformações verificadas nas práticas nomeativas como a adoção de prenomes considerados “raros” no estoque em uso, podem indicar uma série de mudanças como: aproximação do grupo com a sociedade receptora, o abandono de parte das tradições por algumas famílias ou mesmo o desejo de sublinhar a identidade da criança com nomes da moda ou considerados “novos”.

Notas

1 - As colônias italianas formadas no município de Campo Largo e que constituíram nosso objeto de pesquisa são: Antônio Rebouças, Campina, Mariana e Rondinha. A paróquia em estudo é a paróquia de São Sebastião localizada na última colônia.

2 - Registros de batismo rubricados por esse cura compreendem o período de setembro de 1926 a março de 1927.

3 - A Caixa Mortuária era uma associação existente no meio colonial com o objetivo de angariar fundos para as despesas funerárias dos seus membros. A Associação registrava os óbitos dos moradores em livro próprio.

4 - Entrevista concedida ao autor em 23/12/2008 por D. Pedro Fedalto.

5 - Os números (310 e 278) referem-se a prenomes simples.

6 - Ver: <<http://www.stg.brown.edu/projects/tratte/doc/TLNAME1.html>> Acesso em: 14 jun. 2009.

7 - Nessa lista dos 165 mil prenomes, Giuseppe aparece apenas duas vezes.

8 - Antonio aparece 8.412 vezes sendo o terceiro nome mais utilizado.

9 - Piero, Giovanni e Francesco aparecem 7.973, 13.259 e 11.300 vezes sendo o quarto, primeiro e segundo, respectivamente, dos mais utilizados.

10 - Durante todo o período encontramos sete meninas batizadas como *Itália* e nenhum menino *Ítalo*.

11 - Dominique Schnapper mostra que a utilização crescente de prenomes compostos e múltiplos está ligada ao processo de urbanização, ocorrido na Europa entre o século XVIII e o início da Primeira Guerra Mundial, que poderia ser interpretado como uma resposta à dupla necessidade de individualizar o sujeito no interior de sua família e da sociedade, e de distinguir o indivíduo e sua família da sociedade.

12 - Há discussões em relação aos procedimentos a serem tomados quando se distingue prenome simples de prenome combinado. Entretanto, essa é uma questão linguística, que no momento não temos condições de resolvê-la. Alguns autores, como Jean Boutier em seu artigo sobre a Toscana do século XVI, também salientam as dificuldades e os problemas relativos aos nomes simples e combinados. O autor considera “Giovannibattista” como primeiro prenome, e assim para outros, como “Marcantonio” e Marcaurélio” (BOUTIER, 1988, p. 143-163).. Como a maior parte dos prenomes se apresentou traduzida para o português no registro de batismo, adotamos por critério considerar como prenome combinado. Assim João Batista foi incluído na lista de nomes combinados. Da mesma forma procedemos para outros casos como Mariana foi distinguido de Maria Ana, no primeiro caso um prenome simples e, no segundo, um combinado.

13 - Em 1907 o papa Pio X estendeu a celebração de Nossa Senhora de Lourdes a toda a Igreja Universal.

Fontes

- Livros de batismo e casamento da Paróquia de São Sebastião – Rondinha (Campo Largo - Paraná).
- Livros de Registros de Entrada de imigrantes pelo Porto de Paranaguá (Departamento de Estado do Arquivo Público do Paraná – DEAP).
- Entrevista realizada com o Arcebispo Emérito da diocese de Curitiba, D. Pedro Fedalto (82 anos) em 23 de dezembro de 2008.
- The *Online Catasto* is a World Wide Web searchable database of tax information for the city of Florence in 1427-29 (c. 10.000 records). It is based on David Herlihy and Christiane Klapisch-Zuber, principal Investigators. *Census and Property Survey of Florentine Dominions in the Province of Tuscany, 1427-1480*. Disponível em <<http://www.stg.brown.edu/projects/tratte/doc/TLNAME1.html>> Acesso em: 14 jun. 2009.

Referências

- AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes: os primórdios da obra escalabriniana no Brasil (1884-1904)*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- BOUTIER, Jean. Prénoms et identité urbaine em Toscane au XVIe siècle. In: CASSAN, M.; BOUTIER, J.; LEMAITRE, N. (orgs.). *Croyances, pouvoirs et société*. Etudes offerts à Louis Pérouas Treignac. Les Monédières, 1988, p. 143-163. Disponível em <<http://www.storiadifirenze.org>> Acesso em: 7 dez. 2008.
- CEQUINEL, Valdemar José et al. *Igreja de Rondinha: 100 anos de História e Fé*. Campo Largo, 2006.
- DUPÂQUIER, Jacques. Introduction. In: *Lê prénom, mode et Histoire*. Les Entretiens de Malher. Paris: Édition de L'École des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1980.
- FLEURY, Michel ; HENRY, Louis. *Nouveau Manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancién*. 3ème. ed. Paris: INED, 1985, p. 115-182.
- FUCILLA, Joseph G. *Our italian surnames*. Baltimore: Genealogical Publishing Co., 2003. (Originally published in 1949).
- GOODY, Jack. *Família e Casamento na Europa*. Oeiras: Celta, 1995.
- GUÉRIOS, Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.
- HENRY, Louis. *Téchniques d'analyse en démographie historique*. Paris: INED, 1980.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Constitution et variations temporelles des stocks de prénoms. In: *Lê prénom, mode et Histoire*. Les Entretiens de Malher, Paris: Édition de L'École des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1980.
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. "Lê nom <refait>". *L'HOMME - Revue française d'antropologie*, Tome XX, n° 4, octobre-décembre, 1980.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1928.
- LIMA, Antónia Pedroso de. Intencionalidade, afecto e distinção: as escolhas de nomes em famílias de elite de Lisboa. In: CABRAL, João de Pina; VIEGAS, Susana de Matos. (Orgs.) *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina, 2007.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *Construção e "Desconstrução" de uma cultura imigrante: atribuição de nomes de batismo, parentesco e compadrio. Séculos XIX e XX*". (Projeto de Pesquisa) CNPQ, Processo 301564/2007-8. 2003.
- NADALIN, Sérgio Odilon. João, Hans, Johan, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante. *Revista História Unisinos*. vol.11, n°1, jan./abr. 2007.
- NADALIN, Sérgio Odilon. *História e demografia*. Elementos para um diálogo. Campinas: ABEP, 2004.

- POSSAMAI, Paulo. *Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2004.
- ROWLAND, Robert. Práticas de Nomeação em Portugal durante a Época Moderna: Ensaio de aproximação. *Etnográfica*. Maio/2008.
- SCARPIM, Fábio Augusto. *Bens simbólicos em laços de pertencimento: família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo, PR 1878/1937)*. (Mestrado em História), UFPR, Curitiba, 2010.
- SCHNAPPER, Dominique. Essai de lecture sociologique. In: *Lê prénom, mode et Histoire*. Les Entretiens de Malher, Paris: Édition de L'École des Hautes Etudes em Sciences Sociales, 1980.
- SIEMENS, João Udo. *Os prenomes dos descendentes de alemães de Curitiba*. Tese (Doutorado em Lingüística), USP, São Paulo, 1992.

RESUMO

O presente artigo tem como eixo central a análise das práticas de nomeação em um grupo de imigrantes e descendentes de italianos no município de Campo Largo, Paraná, no final do século XIX e início do XX. O objetivo deste artigo é entender como se processaram as práticas de transmissão de nomes de batismo no interior do grupo, analisando a frequência dos prenomes dados a meninos e meninas no decorrer de cinquenta anos. A análise da frequência dos prenomes masculinos e femininos no interior do grupo foi realizada a partir dos registros paroquiais (atas de batismo, casamentos e óbitos) sistematizados pela metodologia de reconstituição de famílias, oriunda da demografia histórica.

Palavras-chave: nomes de batismo; imigrantes italianos; identidade.

ABSTRACT

The present article has, as the main scopus, the analysis of nomination practices in a group of Italian immigrants and descendants in Campo Largo, Paraná, in the earlier XIX century and at the begining of XX century. The objective of this article is to understand how the practices in transmission of baptism names occurred inside the group, analysing the frequence of the first names given to boys and girls during a fifty years interval. The analysis of the frequency male and female names in the group was carried out from the parishes registers (baptism, marriage and death minutes) and systematized for the methodology of family reconstitution, originated from historical demography.

Keywords: baptism names; italian immigrants; identity.